

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO CONTINUADA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM PSICANÁLISE: TÉCNICA E TEORIA

YUMNA YUSSUF

O ACESSO AO SIMBÓLICO: LAÇOS QUE VIRAM PÓ?

PORTO ALEGRE

2018

Yumna Yussuf

O ACESSO AO SIMBÓLICO: LAÇOS QUE VIRAM PÓ?

Artigo apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Psicanálise, pelo Curso de Especialização em PSICANÁLISE: TÉCNICA E TEORIA da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS

Orientadora: Profa. Dra. Ana Cristina Moura

Porto Alegre

2018

O ACESSO AO SIMBÓLICO: LAÇOS QUE VIRAM PÓ?

The Access to Symbolic: Ties That Turn Into Dust?

Yumna Yussuf ^{1*}

Ana Cristina Moura ^{2**}

Resumo: Se pretende, neste artigo, a partir da teoria e de fragmentos de casos, produzir uma especulação teórica, dentro de uma abordagem psicanalítica, sobre a organização do pulsional no sujeito, suas relações iniciais e o desenvolvimento de um simbólico, que muitas vezes nos parece ficar danificado neste percurso. Pensando sobre realidades de extrema violência, crime, uso e/ou tráfico de drogas, nos propomos a reflectir neste trabalho sobre o que se coloca em cena nestes casos de uma desmedida do sujeito e de uma dificuldade de fazer ligações e transformar intensidades em palavras. Tendo em vista a controvérsia com a qual estas realidades se apresentam no contexto brasileiro, e o sofrimento que este tipo de cenários apresenta nas ruas, nos lares ou nos consultórios, nos questionamos sobre que aspectos possam estar subjectivamente relacionados com estas vivências, o que pode estar em jogo em alguns casos, e sobre que caminhos de aposta se podem apresentar para algumas destas narrativas.

Palavras-chave: Psicanálise. Pulsões. Acto. Violência. Drogas.

Abstract: In this article, based on theory and case fragments, it is intended to produce a theoretical speculation, within a psychoanalytic approach, on the organizations of the drive in the subject, its initial relations, and the development of a symbolic, which often appears to be damaged in this path. Thinking about realities of extreme violence, crime, drug use and/or drug trafficking, we propose to reflect, in this work, what is put on the scene in these cases of an excess of the subject, and the difficulty of making connections and transforming intensities into words. Taking into account the controversy with which these realities present themselves in the Brazilian context, and the suffering that this types of scenarios present in the streets, homes or offices, we question ourselves on what aspects may be subjectively related to these experiences, what may be related in some cases, and on which betting paths can be presented for some of these narratives.

Keywords: Psychoanalysis. Drives. Act. Violence. Drugs.

¹Pós-graduanda do Curso de Especialização em Psicanálise: Técnica e Teoria pela Unisinos - 2018. Licenciada em Psicologia Clínica e de Aconselhamento pela Politécnica – Moçambique (2016). E-mail: yumna.yussuf@gmail.com

²Doutora em Psicologia do Desenvolvimento pela UFRGS (2003). Mestre em Psicologia Clínica pela PUCRS (1998). Formação Psicanalítica pelo CEP de PA (1995). Coordenadora do Estágio de Psicologia Clínica do Ambulatório do Hospital Psiquiátrico São Pedro. Professora do Curso de Especialização em Psicanálise na Unisinos. Membro da Escola de Estudos Psicanalíticos (EEP). E-mail: anamourphilomena@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

Este artigo trata de questões que desde muito cedo me causaram muito interesse e bastante aspiração por conhecê-los com mais profundidade. Através de cenários vistos na época da minha adolescência, a qual foi marcada por uma notável ascensão no que dizia respeito ao uso de drogas e à violência entre os adolescentes, estes factos me chamaram atenção de uma forma específica, no sentido de um desejo de entender um pouco mais sobre o que poderia existir como causa desses fenómenos.

Posteriormente, durante a minha Graduação em Psicologia Clínica, em Moçambique – meu País de origem –, encontrei na Saúde Mental da sua capital, Maputo, um olhar bastante proibicionista no que diz respeito ao uso de drogas, que adopta, na maioria dos locais de atendimento a estes sujeitos, a abstinência como único ou como o melhor caminho.

O encontro com a Psicanálise e a minha vinda para o Brasil me apresentaram possibilidades diferentes de olhar para esta questão de forma talvez mais ampla e profunda, fazendo crescer cada vez mais o desejo de que estes sujeitos pudessem ser acolhidos e escutados. Aqui, encontrei e me identifiquei com visões que procuram tentativas de roteiros que dialogam com o desejo do sujeito e com as suas possibilidades subjectivas, reflectindo sempre através de um olhar para além da droga, do delito, considerando que há sempre um sujeito singular, inserido no simbólico.

O Brasil vive hoje uma realidade dramática em volta da questão do uso e do tráfico de drogas. Esta experiência, que se tornou quase um caminho único de muitas crianças, e também o seu sustento, parece ganhar o sentimento de horror de muita gente. Além disso, a inscrição da presença diária da morte para tantas famílias também tem se mostrado como única possibilidade para muitos.

Nós, que nos preocupamos com a função dessa realidade para o sujeito faltante, nos perguntamos diariamente, e diante de diferentes casos, quais seriam os caminhos possíveis para que esta “escolha”, ou “imposição” possa talvez vir a produzir não só sangue nas ruas da favela ou nas mentes de quem não vê possibilidades de vida sem anestesia, mas também alguma efectividade de vida que seja encontrada nos interiores destes sujeitos, que possa pulsar e/ou produzir vida.

O desejo de trabalhar com estas problemáticas atravessou o oceano comigo, e a Clínica de Psicologia da UFRGS, através de um convênio com Moçambique, tem me proporcionado a oportunidade de atender e escutar indivíduos e seus sofrimentos e de fazer uma prática clínica que tem sido preciosíssima, o que tenho vivenciado como um aprendizado constante e como uma reinstauração diária do meu desejo pela Psicanálise e pela Clínica.

Através do Grupo de Trabalho (G.T) “*A Clínica dos Usos de Drogas e Questões Adolescentes*”, comecei recentemente a deslocar-me semanalmente a uma das unidades da FASE (Fundação de Atendimento Sócio-Educativo do Rio Grande do Sul) para atender dois casos em regime fechado, que a equipe interna acredita que possam se beneficiar de um atendimento mais aprofundado. Este novo desafio de uma escuta bastante delicada tem movimentado em mim muitas questões sobre a escuta de uma realidade em que a violência faz parte da vivência diária de tantas crianças e adolescentes, e em que o desamparo familiar vive no olhar, e a impulsividade, o crime, a droga, vivem na escolha “natural” destes indivíduos.

Desta forma se pretende, neste trabalho, produzir uma especulação teórica tentando, a partir da teoria e de fragmentos de casos, fazer uma conexão entre as noções de sujeito, de como se dá o acesso ao simbólico e sobre onde poderá estar, nestas relações iniciais, o apelo para a necessidade de se anestésiar, de colocar no acto de traficar, matar, intimidar, a sua angústia, a sua vida. Com certeza toda esta relação se dá neste trabalho em forma de especulação, de pergunta e principalmente levando em conta que estes pontos que pretendemos abordar podem ser apenas alguns dos aspectos envolvidos nessa problemática tão complexa e controversa que é a questão das drogas e das realidades do tráfico no Brasil. Para isso, pretendemos pensar sobre as pulsões, sobre como se dá esse pulsional, reflectindo também sobre as relações iniciais do bebé com o outro, e culminando no que pode estar em jogo subjectivamente nessas realidades tão robustas e difíceis.

2 AS PULSÕES

Freud se questionou, desde muito cedo, sobre o que estaria na origem dos sintomas neuróticos. Ele introduziu pela primeira vez o conceito de pulsão em 1905, em *Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade*, demarcando-o como um conceito fundamental para a Psicanálise. No texto *Totem e Tabu*, de 1913, Freud reflecte sobre questões antropológicas, pensando sobre o Complexo de Édipo na origem da civilização. Ele relaciona a reflexão do totem às teorias sexuais infantis. O tabu seria a referência à lei, às proibições, e o totem a referência ideal, das identificações. Fala sobre o mito da horda primitiva, no qual se coloca uma ambivalência entre o desejo de matar o pai e de o ver como uma figura de opressão e de proibição do incesto, de ter todas as mulheres e de, ao mesmo tempo, vê-lo com admiração, porém se sentindo sempre na incapacidade de assumir o seu lugar.

Nasio (1999), ao abordar temáticas acerca do Édipo masculino, reforça que “naturalmente, todos esses afectos dirigidos ao pai cruzam-se e combinam-se numa mescla de ternura pelo ideal, animosidade em relação ao intruso, e vontade de possuir os atributos do homem” (p. 66). Essa alusão parece estar na origem da ideia de justiça, união e busca de uma lei universal como organizadora das pulsões dos sujeitos pertencentes ao social. Em *A Pulsão e Suas Vicissitudes* (1915/1996a), Freud formula que a pulsão tem uma origem somática, e que a sua finalidade é a satisfação. Diferente dos estímulos (som, barulho, luz, etc.), que têm origens externas ao sujeito, a pulsão é da ordem de uma força constante, que nunca cessa, além de ter uma origem interna. Roland Chemama, em seu *Dicionário de Psicanálise*, nos traz a seguinte definição:

Pulsão s.f (além.: *Trieb*; fr.: *pulsion*; ingl.: *drive ou instinct*). Conceito fundamental da psicanálise, destinado a dar conta, pela hipótese de uma montagem específica, das formas de relação com o objeto e da procura de satisfação. (Chemama 2007, p. 321)

Lacan considera este como um dos quatro conceitos fundamentais da Psicanálise, juntamente com os conceitos de *inconsciente*, *transferência* e *repetição* (Chemama, 2007). O intuito principal das pulsões seria a descarga, a sua satisfação. Nesse sentido, se pensa que essa satisfação só é acedida por meio de uma representação. Em si mesmas, as pulsões não possuem ordem alguma. Freud (1915/1996a), nos fala de quatro elementos importantes relacionados com este

conceito, que seriam: pressão, alvo, objecto e fonte. A pressão pode ser pensada como a quantidade de força/energia com que ela é impulsionada; o alvo seria a satisfação, que só acontece parcialmente e que se alcança através de uma descarga, por meio de objectos; o objecto, então, pode ser qualquer representante variável que proporcione a descarga parcial da energia, algo através do qual a pulsão pode atingir algum alívio; e a fonte da pulsão seria esse interno que se origina em alguma parte do corpo e que, de alguma forma, se presentifica no psíquico do indivíduo.

Lacan (1964/1998), no seu Seminário sobre *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, retoma a obra de Freud e pontua que a pulsão se apresenta no limite entre o psíquico e o somático, sendo representada no inconsciente por significantes, num dizer sobre o sujeito em relação ao Outro. Lacan acrescenta duas pulsões à obra freudiana, que seriam: a pulsão escópica e a pulsão invocante. A pulsão escópica tem como seu objecto o olhar, que é vista como fonte da libido e fundador do desejo. A pulsão invocante tem como seu objecto a voz, o que ganha um estatuto importante para a clínica psicanalítica pela relação que o autor faz dela com o significante e com a importância da fala. Lacan vê a pulsão como uma espécie de montagem, no sentido de que a relação desse pulsional com o objecto, é uma relação que se constitui, que se monta. Não é algo que já vem composto, mas que se vai estabelecendo, se ligando, numa forma de bordejamento desse objecto que não é possível se acessar na totalidade, mas que, através de significantes, se torna possível contornar.

2.1 Fases das Sexualidade Infantil

No intuito de entender o desenvolvimento do pulsional no sujeito, achamos pertinente percorrer as fases da sexualidade infantil que Freud desenvolveu. Em *Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade*, Freud diz:

Chamaremos pré-genitais as organizações da vida sexual em que as zonas genitais ainda não assumiram seu papel preponderante. Até aqui tomamos conhecimento de duas delas, que dão a impressão de constituir recaídas em estados anteriores da vida animal.

A primeira dessas organizações sexuais pré-genitais é a oral, ou, se preferirmos, canibalesca. Nela, a atividade sexual ainda não se separou da nutrição, nem tampouco se diferenciaram correntes opostas em seu interior. O objeto de uma atividade é também o da outra, e o alvo sexual consiste na incorporação do objeto – modelo do que mais tarde irá desempenhar, sobre

a forma de identificação, um papel psíquico tão importante. (FREUD, 1905/1976b, p. 187)

Segundo Nasio (1999), na fase oral, que acontece nos primeiros seis meses de vida do bebê, se desenvolve um prazer oral não somente no alimento, na necessidade orgânica do leite materno, mas principalmente no prazer do sugar. Nesse sentido, o objecto da pulsão se coloca na maciez do mamilo, na temperatura, no polegar, em objectos que ficam em associação com as fantasias que o bebê cria.

Esta, que é a primeira experiência vital da criança, o acto de mamar no seio materno, pode ser olhado como uma primeira vivência de prazer. Os lábios da criança são, neste encontro, uma zona erógena, e se esta significação for desenvolvida com realce, na vida adulta poderá haver a necessidade de uma estimulação desta zona, podendo o adulto encontrar bastante prazer no beijo, em beber, fumar (FREUD, 1905/1976b).

Nas palavras de Freud:

O alvo sexual da pulsão infantil consiste em provocar a satisfação mediante a estimulação apropriada da zona erógena que de algum modo foi escolhida. Essa satisfação deve ter sido vivenciada antes para que reste daí uma necessidade de repeti-la, e é licito esperarmos que a natureza tenha tomado medidas seguras para que essa vivência não fique entregue ao acaso. Já tomamos conhecimento do que é que promove a satisfação dessa finalidade no caso da zona labial: é a ligação simultânea dessa parte do corpo com a alimentação. O estado de necessidade de repetir uma satisfação transparece de duas maneiras: por um sentimento peculiar de tensão, que tem, antes, o carácter de desprazer, e por uma sensação de prurido ou estimulação centralmente condicionada e projetada para a zona erógena periférica (FREUD, 1905/1976b, p. 174)

A fase anal, que é desenvolvida entre o segundo e terceiro ano, tem situada na zona do ânus, e nas fezes o objecto fantasiado destas pulsões. A fase fálica marca a preparação para a organização genital definitiva. Entre esta fase, que acontece entre os três e os cinco anos, e a fase genital em si, se realiza um período em que as pulsões sexuais ficam inibidas, chamado então o período de latência.

2.2 Pulsões de Vida – Pulsões de Morte

Ao longo da obra freudiana, o autor percorre o tema das pulsões como um ponto central na sua obra, e vai modificando, com o passar do tempo, a sua teoria sobre estas e sobre várias outras das suas formulações. Durante a primeira tópica

(1900-1914), quando Freud escreve sobre o narcisismo, refere a existência de uma pulsão sexual e uma pulsão do eu/de autoconservação. Algum tempo depois, com a noção de autoerotismo, Freud vai abandonando essa ideia, e desenvolve, em 1920, no texto *Além do Princípio do Prazer* (1996b), seu conceito mais original, que é o de pulsão de morte. Nesse momento, então, passa a distinguir o seu quesito em pulsão de vida e pulsão de morte, unificando os conceitos de pulsão sexual e pulsão do eu/de autoconservação, e modificando, assim, a sua hipótese anterior.

É pensado, a partir daí, que pulsão de vida é tudo que se liga, que é investido de afecto. Por sua vez, a pulsão de morte ingressa no aparato, mas não investe a representação, faz apenas ruído no sentido de uma pressão para descarga, uma descarga motora, sem ligação.

É dessa formulação que se começa a pensar na noção de *acting-out*. No sentido daquilo que não chega no campo da palavra, ou seja, que não pode ligar as representações para poder culminar num sintoma, numa palavra, numa produção na cultura, num sonho, num acto falho, num sofrimento, numa angústia, numa queixa. Estaria então, essa intensidade sem ligação, no campo da pulsão de morte, numa falta de estruturação simbólica que dê conta dessa carga energética. Conforme Nasio:

As pulsões de vida tendem a investir tudo libidinalmente e a garantir a coesão das diferentes partes do mundo vivo. Em contrapartida, as pulsões de morte visam o desprendimento da libido dos objetos, seu desligamento e o retorno inelutável do ser vivo à tensão zero, ao estado inorgânico. (NASIO, 1999, p.70)

A importância de reflectir sobre estas temáticas neste trabalho se situa no questionamento sobre o que pode estar em jogo, em alguns casos, nessa actuação desmedida que se coloca no uso desenfreado de drogas, ou no que diz respeito às questões da violência relacionadas ao tráfico.

Com efeito, ele próprio afirmara que a pulsão de morte é invisível e silenciosa, poderíamos dizer invisível e indizível. Ora, o que está fora ou para além da visibilidade e da dizibilidade, está para além da representação (visível) e da palavra (dizível), portanto, o que está para além da *Objektvorstellung* e da *Wortvorstellung*, da representação objeto e da representação-palavra, fora do aparato psíquico e de suas determinações. Em consequência, a pulsão de morte é o que está “para além do princípio de prazer”, para além do próprio aparato psíquico. A autonomia da pulsão de morte entendida como pulsão de destruição (ou *potência de destruição*) é perfeitamente consistente com a ideia de que a pulsão, por se situar além da representação, além da ordem, além do

princípio de prazer, é pura dispersão, pura potência dispersa. (GARCIA-ROZA, 1995, p. 159)

Dessa forma, nos parece que se o sujeito encontra condições simbólicas para capturar esse pulsional, ele pode produzir algo com isso. No entanto, se o simbólico não tiver sustentação suficiente, a descarga pode ocorrer sem ligação, podendo muitas vezes vir a aparecer em forma de um transbordamento, de acto, de violência, ou dessa necessidade desmedida de se anestesiar.

Nesse sentido, a reprodução dessa dualidade presente no psíquico do sujeito (pulsão de vida e de morte), poderá variar dependendo da forma como singularmente esse pulsional é capturado pelo aparato psíquico. Ou seja, o que cada um pode fazer como forma de dar conta disso que o instiga é algo singular e bastante complexo.

Para entender melhor sobre como pode se dar a estruturação simbólica nos momentos iniciais da vida do sujeito, achamos interessante abordar em seguida uma reflexão sobre o transitivismo.

3 O TRANSITIVISMO

A psicanálise nos traz a ideia de que o sujeito se organiza na relação com o outro, e que a forma que o indivíduo é marcado por estas relações primárias é decisiva para o seu trajecto como criança, adolescente e um dia adulto.

Quando adolescente, me perguntava incessantemente, pensando e observando o uso de drogas e a violência à minha volta, se haveria algo na interacção familiar, no inicial da vida daquele sujeito, que pudesse de alguma forma estimular esse tipo de necessidade, de escolha. Hoje, apesar de ter um olhar completamente diferente sobre o assunto, podendo também levar em consideração a subjectividade subjacente a cada caso e a complexidade da temática, de alguma forma me parece que a mesma pergunta dos meus 17 anos se mantém, modificada, mas intacta.

Já no Projecto de 1895, Freud percebeu que o suporte neurológico não é suficiente para que a cria humana tenha êxito, e que a existência ou não do ser humano se dá no universo da relação com o outro. Nesta interacção tão crucial para que de apenas um organismo possa emergir um sujeito, é necessário haver uma ou mais figuras que inscrevam esse bebé, ou seja, que facilitem que ele consiga se

colocar no campo do simbólico. Neste sentido, se inaugura, através de uma primeira vivência de satisfação, um aparelho psíquico que posteriormente buscará incessantemente o alívio de tensão, que no início se dará (parcialmente) por uma acção específica vinda da figura materna (*Nebenmensch*).

Se pensa, assim, que juntamente com essa acção vinda da mãe, que pode ser no alimentar, por exemplo, se cria para a criança, psiquicamente, um retorno organizador. Dessa forma, através desse jogo de posições entre a mãe e o bebé, se inaugura uma constituição psíquica e se possibilita um acesso ao simbólico (BERGES & BALBO, 2002). No entanto, se instaura neste processo uma marca do incompleto. Nisto que podemos chamar de “transitivismo”, conceito proposto por Bergés e Balbo, o bebé é obrigado a se encontrar com o desprazer, o que tem uma função inauguradora do seu aparato psíquico, e também uma função importante de impulsar o desejo. De acordo com Moura (2003), “este é o início da trama das representações que irá capturar as intensidades pulsionais, possibilitando algum destino diferente que não a descarga em ato (descarga motora)” (p. 68). Desta forma, algo que era energia solta e pronta para ser descarregada, se transforma em energia ligada, se organizando em forma de memória.

O transitivismo é um conceito que define a operação de marcar um psiquismo com representações, ou seja, inscrever representações na memória do sujeito, o que resulta na possibilidade de nomear certas vivências, efetuando, assim, a possibilidade de simbolizar e ainda operando o escoamento pulsional. (MOURA, 2003, p. 123)

Seguindo a proposta de Moura (2003), é pensado, então, que o transitivismo se constitui em três movimentos: o da pergunta (surpresa), o da hipótese (o saber) e o da ultrapassagem (o distanciamento). Para que esse movimento se inicie, é necessário que a mãe consiga se perguntar sobre o que há com seu filho, o que abre espaço para a surpresa, para essa não totalidade do saber sobre o seu bebé. Ou seja, ela se permite ser faltante, tolera o facto de duvidar, e assim dá lugar a essa criança de poder lhe dizer algo novo. Desta forma, ela pode se interrogar.

Assim, pode então acontecer um segundo momento, o da hipótese. Essa mãe, através de hipóteses, actua sobre o bebé de forma em que aceita que não sabe tudo sobre seu filho, mas sim, que sabe alguma coisa sobre ele. Pode desse modo, fazer um golpe de força no bebé. Por exemplo, a mãe verbaliza: “Estás com

frio?” Esta pergunta ganha uma dimensão importante de interrogação, no sentido de um entendimento por parte da mãe de que o seu bebé lhe demanda alguma coisa.

Num terceiro momento, a mãe, que faz suposições sobre seu filho, pode confirmar ou não a legitimidade dessas mesmas suposições. Quando elas não correspondem à realidade do que seu filho demanda, ela se confronta com o desconhecimento, podendo tolerar que o filho discorde da sua hipótese. Ou ainda, pode negar esse distanciamento, achando que só ela sabe, não conferindo, assim, um saber ao bebé. Disso pode resultar uma colagem do bebé com a mãe, ficando a criança reduzida a objecto materno. Moura (2003) traz que “Ao legitimar a ultrapassagem, a mãe impede que o circuito simbólico se feche, estando, assim, pronta para espantar-se novamente” (p. 119).

Concomitante a este processo das relações iniciais do bebé, há outro aspecto decisivo para sua constituição como sujeito. Para que seja colocado na linguagem, este indivíduo precisa experienciar uma clivagem e enfrentar a entrada de um terceiro que interdita esta relação tão completa e satisfatória com a mãe. Se a mãe permite que este corte aconteça, o bebé poderá fazer um caminho de bordar um corpo rumo a uma construção de autonomia, separado da sua mãe.

Lacan, nas suas investigações sobre a constituição do sujeito, e sobre a estruturação psíquica na psicose, fala sobre a importância da função paterna, inicialmente como operador de um corte entre a mãe e o bebé, como citei acima, quando abordei o momento em que a mãe tem a possibilidade de permitir um distanciamento entre ela e o bebé, para que este terceiro possa entrar em cena. É o discurso da mãe que apresenta este outro sujeito para a criança, reconhecendo ou não, através da sua fala, um valor a esta figura.

Freud, desde muito cedo, estuda e nos fala sobre o Édipo, percebendo a complexidade do triângulo e dramas familiares nos quais a criança está inserida nos seus primeiros anos de vida. Mais adiante, retomando as pesquisas freudianas, Lacan (1957-1958/1999), divide o Édipo em 3 tempos. No primeiro tempo, a criança está entrelaçada ao desejo da mãe, não há uma diferenciação entre o “eu” e o outro. Dessa forma, a presença do pai pode existir, mas de uma forma velada, através da mãe. Esta etapa se passa no campo do imaginário para a criança. No sentido lacaniano, o imaginário seria a representação que o sujeito constrói de si mesmo, em relação ao outro, seu semelhante. Neste tempo, a criança se encontra com a suposição que o outro faz dela, satisfazendo o desejo da mãe.

No segundo tempo, a criança é colocada na possibilidade de experienciar uma proibição, a entrada do pai como lei e como interdição dessa “relação incestuosa” com a mãe. É neste momento que se coloca em jogo a castração. Isto pode acontecer se a mãe também estiver submetida a uma lei, e se, através do discurso dela, for introduzido este pai como uma figura de potência. O pai, privando esta colagem do bebé com a mãe, se apresenta como quem diz “não”, marcando a criança no registro do simbólico.

Se verifica, segundo Freud, que no menino, existem dois tipos de ligação afectiva nesses primeiros anos. Um forte apreço pela mãe, seu primeiro objecto sexual, e depois pelo pai, como uma forma de identificação, e/ou exemplo para imitar. Seu pai se torna um ideal para ele se tornar no futuro. Este drama triangular se coloca em torno do medo de perder o seu objecto fálico, o pénis, que é chamada de angustia de castração (NASIO, 1999).

Diferentemente, na menina, o processo se desenvolve de forma um pouco distinta, porque ambos os sexos têm como seu primeiro objecto de amor a mãe. Porém, a menina, quando percebe que a mãe é castrada e que não tem o objecto fálico, não é onipotente, se vira então para o pai, o admirando e invejando o seu pénis. No entanto, ela faz um caminho mais longo, no sentido de precisar, posteriormente, voltar seu olhar para mãe, identificando-se, ou não, com ela.

No terceiro tempo do Édipo de Lacan, o pai aparece como quem tem o falo. Nesse sentido, este é um momento importante, uma vez que possibilita a identificação com o pai como ideal do eu. A criança, dessa forma, se envolve no drama de ter ou não o falo, permitindo, assim, que isso circule numa cadeia significativa de busca de objectos fálicos. A presença desse terceiro, desse pai como real e potente, pode operar na criança a inscrição da falta, se efectivando como uma presença essencial, pois assim, provavelmente este sujeito poderá então encontrar uma direcção de desejo e busca de gozo parcial para lidar com as angústias resultantes deste corte.

Lacan formula que:

O ser que verbaliza um apelo é um ser que está no nível da linguagem, isto é, integrado a um sistema simbólico, e é esse que possibilita o seu desenvolvimento enquanto homem. '[O] apelo humano... se reproduz justamente num ser que já adquiriu o nível da linguagem'. (LACAN, 1953-1954/1986, p. 101)

Quando esta lei não opera, e existe uma forclusão do significante Nome-do-pai, e a criança se mantém como objecto fálico da mãe, sem poder lidar com a noção de ser um sujeito barrado, incompleto e separado da mãe, os danos podem levar a uma estruturação psíquica do lado da psicose.

5 CRIME, TRÁFICO, DROGA E ESPECULAÇÕES SOBRE O QUE SE COLOCA EM CENA

Tendo em vista que os assuntos nos quais estamos a tocar são bastante complexos, que têm uma multiplicidade de factores envolvidos, como o social, o socioeconómico, transgeracional, etc., e que causam muita preocupação e alvoroço em territórios brasileiros, o que pretendemos aqui pensar é no que pode estar em jogo nestas narrações, no que diz respeito a esse pulsional do sujeito. Este é um aspecto que com certeza se diferencia subjectivamente em cada caso, porém, talvez possa se assemelhar no que concerne a essa desmedida do seu corpo, do corpo do outro e de um “actuar” sem controle.

Lucas, de 18 anos, está preso na FASE pelo esquitejamento de várias pessoas. O paciente relata com culpa os delitos que cometeu, pensando em “mudar de vida” quando estiver em liberdade. *“Era tudo muito intenso, Dona. É xarope. Agora eu fico pensando nas coisas que eu fiz... Teve um dia que eu cheguei em casa, sentei no sofá. Fiquei sem nada para fazer. Então saí e fui roubar uma loja... Quando a minha namorada me falava algumas coisas que eu não gostava, eu dava uns chute nela. Eu não pensava muito nas coisas. Mas eu enlouqueci quando os cara foram lá e tomaram a casa da minha mãe. Quando me disseram isso, eu tava comendo carne, e não consegui engolir. Aí foi!”* (LUCAS).

Lucas me conta sobre a sua vida. Traz bastante afecto pela sua mãe e conta que seu pai sempre disse que ele tinha que sair dessa vida, e que devia seguir um caminho “mais correcto”. O paciente me relata: *“Um dia eu liguei para ele para pedir ajuda. Ele sempre foi muito rígido. Me deu sermão e falou que não ia ajudar. Eu fiquei calado, travei. Aí eu falei: tá sereno, pai... Um dia eu roubei umas fichas de vale transporte dele, quando era novinho, e fui trocar por outra coisa. Quando ele descobriu me bateu com cinto enquanto eu estava no banho. Mas tá sereno!”* (LUCAS).

A expressão “tá sereno” ecoa seguidamente nas nossas sessões. Sempre que Lucas relata uma situação que lhe causa tristeza ou desconforto, segue imediatamente me dizendo “*Mas tá sereno, dona!*”.

Pensando nas questões que estes relatos trazem, Forget nos apresenta a seguinte reflexão:

Ele não chega a afirmar um traço de identificação nem a se apropriar de um traço de sofrimento devido à impossibilidade do recurso à palavra. Mas precisamente, trata-se da encenação da autoridade – na clivagem onde o sujeito não quer reconhecer nada dele mesmo – com a qual ele não chega a contar no endereçamento ao Outro, como assentamento de sua divisão subjetiva. (FORGET, 2011, p. 16)

Freud, ao longo do seu trabalho, nos trouxe o conceito de *acting-out*, que ele pensava como algo ligado ao processo analítico, em que o sujeito faz uma actuação impulsiva, no lugar de colocar em palavras as suas pulsões, desejos, fantasias. Lacan, em continuação ao trabalho de Freud, faz uma diferenciação entre *acting-out* e *passagem ao acto*. Lacan vê o *acting-out* como uma mostração ao outro, se colocando em cena para este. É visto pelo autor como um sintoma, e nesse sentido, com abertura para interpretação.

Diferentemente, a *passagem ao acto* é vista como o sujeito se colocando fora de cena, numa aceleração, num “não pensar”, num desligamento da cadeia significante. Lacan enfatiza uma relação estreita disto com a angústia, pensando numa forma de falha simbólica, em que a palavra não dá conta, e a descarga motora assume uma posição desmedida. Forget (2011) desenvolve que “a criança ou o adolescente encena o que não pode dizer, sem poder compreender de imediato o que ele assim desvela de si” (p. 11).

Yuri, de 17 anos, foi preso por tráfico de drogas e outras suspeitas. O paciente me conta que aos 11 anos viu o pai baleado e morto. Diz que depois disso entrou no crime. Alguns anos depois, por causa do seu comportamento, a mãe o enviou para um abrigo. Ele pedia para voltar para casa, mas ela não o buscava. Num dia, a avó paterna foi buscá-lo. “*Tinha um amigo que me ensinou tudo. Comprava para mim os tênis que comprava para ele. Era como um pai. Uma noite eu não quis ir no baile funk e ele foi. No dia seguinte, fui na casa dele, e falaram que mataram ele. A mãe disse que eu não era amigo de verdade, porque não estava lá com ele. E que eu tinha que ir acabar com essas pessoas. Aí me juntei com outro grupo, de outra boca, me emprestaram armamento. Atirei por todo o lado. Não sei*

quem matei, quem não matei. Se tinha inocentes, não sei. A gente só atirou. Eu queria matar todo mundo.” (YURI).

Quando existe alguma flexibilidade no aparato psíquico, é propiciado ao sujeito uma ligação nos seus trilhamentos, em que o recalçado passa a uma representação-palavra. No entanto, quando essa riqueza simbólica tem falhas, se impossibilita muitas vezes a passagem do recalçado a uma formação de sintoma, sonho, chiste, produção na cultura. Essa descarga, que se torna motora, não tem uma forma de acção específica, que abordamos acima. Pelo contrário, a intensidade pulsional, desligada, apenas é descarregada, sem possibilidade de símbolo (MOURA, 2003).

Roberta, de 26 anos, atendida na Clínica de Atendimento Psicológico da UFRGS, tem questões com o uso de álcool e outras drogas. *“Eu acho que vou ter que lidar com isso a vida toda. Eu não tenho limite. Estou cansada de pagar vale. Mas a vida sem a bebida é um saco. Eu preciso disso. Eu adoraria ser daquelas pessoas que bebe e fica de boas. Mas eu não consigo. Eu vou até não poder mais”*.

Para pensar neste fragmento de caso, trazemos aqui o conceito freudiano de afecto, que está presente desde muito cedo na sua obra.

O conceito de *Affekt* possibilita esta especulação pois ele consiste na ideia de um *quantum* de energia que ingressa no aparato e não é capturado pelos registros que compõem esse aparato. O *Affekt* é uma intensidade que fica solta, à margem, ou seja, não investe a representação. Poderíamos pensar essa repetição como a repetição do fracasso da inscrição, isto é, o que se repete é só o excesso pulsional, sem ligações (*Bindungen*) e, portanto, sem possibilidade de leitura. (MOURA, 2003, p.94)

Forget (2011), afirma que “É no laço entre o singular e o coletivo que se põem as questões suscitadas pelos transtornos de comportamento, pois é aí que a criança constrói sua identidade” (p. 112). Dessa forma, podemos pensar que existe algo da ordem do insuportável nesses casos, de um transbordamento que não consegue acessar uma instância simbólica e que pode, assim, gerar ou dar lugar a uma descarga motora desse real. Esse é, segundo Lacan, aquilo que escapa à simbolização e que é inacessível ao sujeito, que não cessa de não se escrever.

Freud (1926/1976a) aborda o conceito de angústia como um *quantum* de energia que não encontra uma acção específica, ou seja, um acção que opera uma descarga eficiente. Lacan (1962-1963/2005), por sua vez, retoma o conceito e afirma

que a angústia é um estado de afecto da ordem do desprazer, provocado por uma ascensão de excitação. Quando essa surge, significa que algo desse real que nos diz respeito nos tocou.

Cada indivíduo, inevitavelmente, é atravessado por algo que o instiga a todo o momento. Mas, o que fazer com essa força constante que pulsa, que direcciona, é algo com o qual cada um precisará lidar. O indivíduo, na sua relação com o outro, terá que se defrontar com esse insuportável que o toma. Segundo o que a Psicanálise nos vem ensinando, como isso incide em cada um é algo bastante particular. Para alguns, esse caminho talvez tenha a possibilidade de produzir mais símbolos, e para outros, e é sobre estes outros que nos perguntamos, parece que algo nesse constitutivo não possibilitou uma facilidade de que esse real seja contornado por produções, por palavra. De outro modo, a dificuldade desse acesso ao simbólico se presentifica sem palavra, desaguando em acto, num transbordamento desse pulsional e dessa energia, que sem ligação, talvez possa repetir incessantemente uma necessidade da anestesia, uma inevitabilidade da violência e, muitas vezes, um caminho de morte.

6 O INENARRÁVEL E O DESEJO DE, TALVEZ, REINVENTAR – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Escutar relatos de extrema violência e sofrimento tem sido para mim um trabalho muito intrigante, desafiador, e tocante. Sentar de frente com realidades em que a vulnerabilidade social quebra direitos, laços e alegrias tão cedo, em que perdas, abandonos e mortes fazem parte de uma experiência diária, nos faz questionar como se pode pensar numa possibilidade de reinventar narrativas menos sangrentas para a vida destes sujeitos.

Freud, no *Projecto*, salienta a importância da linguagem como forma de descarga, e a relação da palavra com o processo de pensar no aparelho psíquico, possibilitando a comunicação. A linguagem é vista aqui como o núcleo desta organização. Segundo Ana Moura (2003), “Através da linguagem o aparelho psíquico virou um aparelho de captura. Ele não é uma simples ferramenta do aparato. [...] Captura o disperso pulsional e o disperso sensível e transforma em palavra, em chamado, em sonho, em sintoma, em produções na cultura, etc.” (p.76).

Como pensar, nesse sentido, o lugar de analista diante de manifestações socialmente vistas como monstruosas ou irresponsáveis?

Eu, como cidadã, quando ando na rua, vivo no risco de ser abordada por um adolescente em busca de dinheiro ou de um celular, que com uma arma pode me intimidar, se apoderar de algum objecto meu, e/ou até me magoar fisicamente e, possivelmente, criar um sentimento de injustiça e indignação. No entanto, no dia seguinte, sentada no consultório, posso estar numa outra posição, vivendo no risco de ouvir e de me comover com a história de outro adolescente que me conta sobre actos parecidos com o mencionado anteriormente, mas juntamente me conta a sua vida, sua história, suas dores e embaraços. Me coloca, assim, a pensar sobre o que fazer para aliviar sua angústia.

Numa das reuniões do GT “*A Clínica dos Usos de Drogas e Questões Adolescentes*”, onde supervisionamos os casos relacionados ao uso de drogas e também relacionados ao tráfico e ao crime em adolescentes, nos perguntamos e debatemos sobre como se coloca o nosso desejo na direcção desse tipo de tratamentos.

Algumas abordagens terapêuticas, assim como conheci no meu País, poderiam levar a questão numa direcção de ajudar o paciente a deixar de consumir, a deixar de matar ou traficar. Mas num ponto de vista da Psicanálise, penso que se colocaria numa forma de pensar em “qual o desejo do sujeito?”. O que não torna mais fácil lidar com uma clínica em que se escuta um risco eminente de o sujeito morrer, matar, beber até ao limite máximo, ou cheirar ao ponto de uma overdose.

Diante disto, me pergunto: será que poderíamos dirigir um tratamento pensando numa “recuperação”? Recuperação do quê e para quem? São perguntas que ficam.

Contudo, penso que o interessante desta clínica, que trata da vida e do amor, afinal, é que em alguns momentos, mesmo no desejo de trabalhar com escutas de realidades tão vulneráveis, se abrem algumas luzes e caminhos através de uma leitura, de uma supervisão, de um *insight*, *da partilha com colegas*, de professores que muitas vezes nos inspiram.

Tive o prazer de me inspirar e me encantar muitas vezes aqui no Brasil, na forma como tenho testemunhado o trabalho lindíssimo de tantas pessoas pela Saúde Mental. Na minha banca do Projecto deste Trabalho de Conclusão de Curso, pude me inspirar mais uma vez, escutando da banca que a Psicanálise se propõe a

apostar num trabalho sobre os representantes, que Lacan chama de significantes. Num trabalho sobre essa disparidade do transbordamento. Esse pulsional, na medida em que se coloca na voz, numa fala para outro, tem a chance de fazer algumas ligações que estão desreguladas no sujeito. Uma chance que se encontra na voz, posta no dizer, que implica o real, e ao mesmo tempo o simbólico.

Nesse dia importantíssimo para mim, pude escutar o seguinte: “A aposta na palavra, a chance de que o simbólico não vire pó, mas que o pó vire simbólico.” (FLEIG, 2018). Para mim, se coloca na frase anterior, o núcleo central do lugar de um analista em clínicas como esta, em que muitas vezes a violência, a morte, o desamparo e o inenarrável estão colocados em cena também para nós. Mas que talvez, mesmo assim, se reinstaura a aposta de que algo de novo nessa disparidade pulsional se possa reescrever.

A Psicanálise se interessa pelo que está subjacente ao sintoma, por aquilo que está além do que é mostrado e provavelmente anterior ao sinal, ao acto do sujeito. Freud, ao longo da sua obra, percebe e conseqüentemente nos ensina que o dizer é o único recurso que temos para ter algum efeito sobre o traumático, o inassimilável do ser humano. E essa fala, que toca em outra coisa, tem o potencial de permitir que o texto particular de cada um continue sua escrita. Nesse sentido, como desejantes, tomamos uma aposta de que na palavra algo se dê, se simbolize, e, quem sabe, a partir dela novos caminhos possam ser trilhados, e antigas histórias possam ser reinventadas.

O objectivo da análise é, afinal, que o sujeito encontre um possível dentro do que é dele. Nada podemos garantir sobre o “sucesso” dessa busca, mas com certeza, seguimos buscando...

REFERÊNCIAS

BERGÈS, J.; BALBO, G. *Jogo de Posição da Mãe e da Criança: Ensaio Sobre o Transativismo*. Porto Alegre: CMC, 2002.

CHEMAMA, R.; VANDERMERSCH, B.. *Dicionário de Psicanálise*. São Leopoldo: UNISINOS, 2007.

FORGET, J-M. *Os Transtornos do Comportamento: Onde Está o Rolo?* Porto Alegre: CMC, 2011.

FREUD, S. *Inibição, Sintoma e Angústia* (1926). Rio de Janeiro: Imago, 1976a.

FREUD, S. *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905). Edição Standard Brasileira das Obras Completas, vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1976b.

FREUD, S. *Projeto para uma Psicologia Científica* (1895). Edição Standard Brasileira das Obras Completas, vol I. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

FREUD, S. *Totem e Tabu* (1913). Edição Standard Brasileira das Obras Completas, vol XIII. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

FREUD, S. *A pulsão e suas vicissitudes* (1915). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud [ESB], vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1996a.

FREUD, Sigmund. *Além do princípio de prazer* (1920). Além do princípio de prazer. Rio de Janeiro: Imago, 1996b.

GARCIA-ROZA, L.A. *Introdução à Metapsicologia Freudiana*. Vol. 3. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

LACAN, J. *O Seminário 1: Os Escritos Técnicos de Freud* (1953-1954). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.

LACAN, J. *O Seminário 11: Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise* (1964). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LACAN, J. *O Seminário 5: As Formações do Inconsciente* (1957-58). Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1999.

LACAN, J. *O seminário 10: A Angústia* (1962-1963). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

MOURA, A. *A Operação de Inscrição Psíquica: Um Ensaio o Conceito Psicanalítico de Ação Específica*. Tese de Doutorado em Psicologia do Desenvolvimento. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre: 2003.

NASIO, J. D. *O prazer de ler Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.